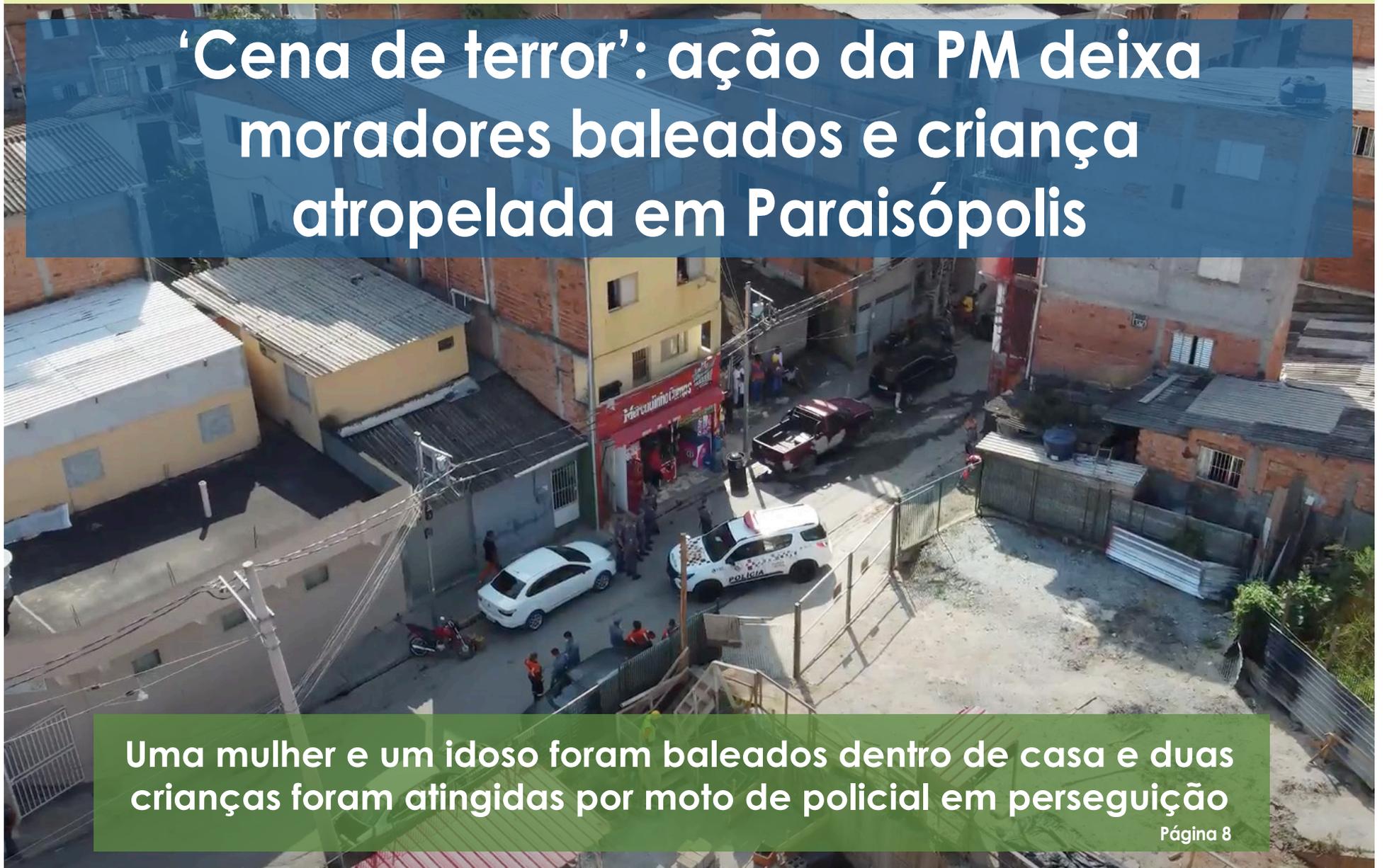


ESPAÇO DO POVO



Abril 2023 | Edição 93 | Ano 16 | Distribuição Gratuita

'Cena de terror': ação da PM deixa moradores baleados e criança atropelada em Paraisópolis



Uma mulher e um idoso foram baleados dentro de casa e duas crianças foram atingidas por moto de policial em perseguição

Página 8

COMUNIDADE

Cadê o pai? Como a ausência da figura paterna afeta a vida de uma criança

Página 15

CULTURA

Hip hop: 50 anos de corre e resistência

Página 17

COMUNIDADE



Mães solo: a cultura do abandono paterno e o acúmulo de responsabilização para as mulheres

De acordo com Dieese, a maioria dos domicílios no Brasil é chefiada por mulheres

Página 14

Operação policial em Paraisópolis expõe desigualdade e questiona narrativa da mídia

Por Joildo Santos

Na primeira segunda-feira de abril, dia 3, uma nova operação policial eclodiu em Paraisópolis, zona sul de São Paulo, deixando um rastro de medo e desespero entre os moradores.

Como de costume, a narrativa já pronta dos veículos da chamada “grande imprensa” apontou que “os feridos foram vítimas de balas perdidas de bandidos” e que “os envolvidos são criminosos”.

Mas será que essa narrativa única e simplista retrata o que realmente se passa em Paraisópolis e em tantas outras comunidades Brasil afora? É preciso lembrar que, além de adultos, há crianças e jovens afetados por essas operações, mui-

tas vezes ocorrendo no horário de entrada e saída escolar, como foi o caso de hoje.

Imaginemos a cena: dezenas de vans escolares, crianças entrando e saindo de escolas, e o pânico gerado em meio a tiroteios e abordagens policiais. Quantas vezes se vê isso em bairros ditos “nobres”? Pelo contrário. Em bairros abastados, o comum é ver outro tipo de abordagem e cuidado.

Sobram perguntas: por que essa diferença de tratamento? Por que essa diferença de protocolo policial? Seria esse o reflexo do chamado “protocolo da morte”, que consiste em “matar primeiro e perguntar depois”? A narrativa automática desses setores da mí-

dia chegou a ser verbalizada por um jornalista conhecido pela exploração da pauta policial (e as mazelas que decorrem dela) e por seu eterno flerte com disputas eleitorais.

Segundo ele, “faz 20 anos que é dessa forma, que costuma ser assim”. Ora, então se passaram 20 anos e nada mudou na condução dessas coberturas, não deveria haver um outro olhar?

Sair da “suspeita” direto para o “julgamento midiático” não me parece estar dando certo.

Essa reflexão é fundamental para entendermos como a desigualdade social afeta não apenas a vida dos moradores de favelas, como também

a maneira como essas comunidades são retratadas na mídia e, por consequência, percebidas pela sociedade.

A criminalização e a marginalização dos moradores de comunidade, na maioria das vezes vítimas das circunstâncias, perpetua o ciclo de violência e pobreza.

Os revitimiza. Um caminho para a elucidação deste caso é o uso das imagens provenientes das câmeras que os policiais militares utilizam em seus uniformes. Por meio delas, será possível apurar a dinâmica da ocorrência, tempo de resposta e acionamento de

atendimento - protocolo que deveria fazer parte da apuração da Polícia Militar, Polícia Civil, Ministério Público e Corregedorias.

A sociedade precisa exigir uma abordagem mais justa e equilibrada da mídia e das autoridades, quando se trata de operações policiais em comunidades vulneráveis.

A paz e a segurança são direitos fundamentais de todos, independentemente de onde o cidadão vive. Pelo menos em tese.



Joildo Santos

Fundador do jornal Espaço do Povo e CEO do Grupo Cria Brasil.

EXPEDIENTE

Espaço do Povo é uma publicação do Grupo Cria Brasil.

CEO Grupo Cria Brasil
Jornalista Responsável

Joildo Santos
joildosantos@paraisopolis.org
MTB 67099 SP

Diretora Executiva Cria Brasil
Francisca Rodrigues
franrodrigues@grupocria.com.br

Editora-chefe do Jornal Espaço do Povo

Gisele Alexandre
gisele.alexandre@agenciacriabrasil.com.br
MTB 60305 SP

Repórter Cinematográfico

Léu Britto
leu.britto@agenciacriabrasil.com.br

Edição

Caroline Martins
caroline.martins@agenciacriabrasil.com.br

Redação

Aline Almeida
aline.almeida@agenciacriabrasil.com.br

Leonardo Almeida

leonardo.almeida@agenciacriabrasil.com.br

Fotografia

Luis Maíke
Anderson Jorge
Léu Britto

Publicidade

(11) 977234537
(11) 952117476

Acompanhe nossas redes sociais

Cria Brasil

Instagram: @criabrasilcomunicacao
Facebook: Agência Cria Brasil

Espaço do Povo

Instagram: @espacodopovo
Facebook: Jornal Espaço do Povo
Site: www.espacodopovo.com.br

Líderes de favelas participam da Brazil Conference 2023



Crédito: divulgação.

Com o intuito de representar as favelas do Brasil, a comitiva do G10 Favelas, formada por cerca de 20 pessoas entre lideranças e empreendedores locais, marcou presença na Brazil Conference, em Boston, EUA.

A comitiva acompanhou de perto o evento cujo objetivo é discutir temas relacionados à política, economia, cultura e sociedade. O encontro propõe ideias para o futuro do nosso país e debate as transformações que melhora-

rão as vidas do maior número de brasileiros.

“O G10 Favelas tem buscado criar experiências como essa, levando lideranças para serem as vozes das favelas pelo mundo. Buscamos criar processos para que as pessoas tenham essa possibilidade de discutir o Brasil com o Brasil de verdade, incluindo os moradores de favela que por muito tempo estiveram excluído dessas discussões”, disse Gilson Rodrigues, presidente do G10 Favelas.

Festival Cannes Lions 2023 terá presença de representante de Paraisópolis

Crédito: divulgação.

O maior festival de publicidade do mundo, Cannes Lions, divulgou a primeira lista de palestrantes da sua 70ª edição, que acontece nos dias 19 e 23 de junho.

Entre os palestrantes anunciados está Gilson Rodrigues, fundador e presidente do G10 Favelas.

“Essa notícia quebra barreiras, rompe paradigmas, mostra que a favela pode estar em todos lugares”, ressaltou Gilson Rodrigues.

Na divulgação, Cannes destacou: “Quer desbloquear uma nova área do marketing que vale bilhões de dólares? Gilson Rodrigues, presi-

dente do G10 Favelas, revela como o empreendedorismo social pode levar à fortunas”.

A ambição da organização do festival é abranger os aspectos amplos de criadores, disciplinas, pensadores e visionários que podem inspirar o trabalho criativo de toda uma indústria e países.



A violência na web(realidade)

Por Judith Brito



Crédito: Agência Cria Brasil.

A grave questão da violência nas escolas, com a trágica morte de crianças e professores, gerou pânico entre pais e preocupação em todos. Fenômeno mais recente no Brasil - nos EUA já é recorrente há mais tempo -, tem dado margem a discussões de leigos e de especialistas sobre soluções para a situação.

Do alto dos meus 65 anos, vejo com pouco otimismo a esperança de alguns de que o problema seja resolvido, porque dificilmente vamos reverter na íntegra a epidemia. Quando muito, vamos administrá-la, buscando reduzir seus efeitos. Aliás, se fosse possível reverter, os EUA, com muito mais experiência e recursos, já teriam feito isso.

Adolescente pode ser um bicho muito estranho (uns menos, outros mais). Tive dois em casa, e às vezes ainda hoje - mesmo já tendo passado a fase do "perigo" e reconhecendo serem os dois adultos muito do bem - tenho um ridículo sentimento de "medo do passado" quando constato: podia ter dado merda! Adolescentes andam em bandos, tentam se afastar da família (onde todos são caretas!), querem fazer bonito no grupo (portanto, são suscetíveis a rompantes) e pensam saber tudo da vida. Não imagino que meus filhos pudessem chegar perto da possibilidade de matar ou ferir pessoas, mas poderiam ter feito burradas que estragariam suas

vidas - e a minha, consequentemente. Eram filhos cuidados, amados, próximos. Nem por isso estavam imunes. Imagine os que - por temperamento, ou porque a família é fria ou violenta, ou ainda por pressões socioeconômicas -, são isolados e/ou mais sujeitos a bullying.

É muito mais difícil ser adolescente hoje, quando tudo - inclusive as burradas - vira vídeo na internet e pode marcar definitivamente a trajetória da pessoa. As redes sociais amplificaram a propensão ao radicalismo e ao "estrelismo" nesta fase, estimulando os adolescentes a fazerem coisas excêntricas, diferentes, supostamente corajosas (para fazer bonito nos grupos na internet, inclusive para desconhecidos). A ampliação no uso de armas e o endeusamento da violência promovidos durante o último governo federal também não ajudaram.

Por isso, acho que a medida mais emergencial é fazer com que as redes sociais colaborem, dentro da lei (derrubando

e denunciando influenciadores e grupos que permitam a apologia ao crime). É um risco à liberdade de expressão? Talvez! Mas, neste caso, até que tenhamos mais experiência e regras para lidar com o assunto, parece ser o caminho. As big techs não podem, irresponsavelmente, usar o ódio e teorias conspiratórias para conseguir engajamento - e sabe-se que esse tipo de mensagem gera muito mais clicks que as de teor pacífico e do bem.

Agora, pelo medo, os governos tomarão medidas práticas como instalar detectores de metal e alocar seguranças (armados ou não) nas escolas. Talvez isso ajude um pouco, mas pode, inversamente, até servir como um desafio extra dentro dos grupos extremistas nas redes sociais.

A escola também pode e deve ajudar, claro, discutindo o assunto com os alunos e com os pais, trazendo especialistas, alocando psicólogos ou outros profissionais preparados para a de-

tecção e ajuda nos casos problemáticos. Mas duvido que essa seja a "bala de prata". Em tese, as escolas já identificam comportamentos "fora da média" - o que pode ser sinal de muita coisa, inclusive só timidez mesmo. Muito importante no longo prazo é a introdução da educação midiática nas escolas, de forma que crianças e adolescentes aprendam a usar a internet, e entendam o mal que podem provocar - às pessoas, à sociedade e até à democracia - ao criarem ou viralizarem mensagens falsas e estimuladoras de ódio, ou "cancelamentos" de internautas etc.

Enfim, não é uma questão fácil, e não há "bala de prata". O máximo que podemos almejar é, modestamente, tentar aprender sobre o tema e buscar administrá-lo, reduzindo seus trágicos impactos.



Judith Brito

É mãe, avó e executiva do Grupo Folha e do Grupo UOL.

Projeto Coletivo Amazônico

Por Renato Rosa



Crédito: divulgação.

A ocupação populacional nos arredores da Terra Indígena Alto Rio Guamá do Povo Tenehar Tembé, tronco Tupi Guarani no Estado do Pará, onde vive num território com mais de 270 mil habitantes, sofre com as invasões de madeiros, posseiros e fazendeiros, os quais ao longo dos anos vêm saqueando as riquezas naturais. Com essas ações, fica mais di-

fícil a sobrevivência pela caça, pesca e alimentação, que deveria garantir o sustento da população Tembé. Com a falta desses recursos é cada vez a realização de eventos culturais como o "Festival do Moqueado", que é de extrema importância para manutenção da justiça social na Amazônia e preservação da floresta.

A OCAS ONG, parceira do G10 Favelas, tem o propósito de usar a arte para transformar vidas e em dois anos de pandemia realizou inúmeros pro-

jetos de sustentabilidade socioambiental com dobramentos em empreendedorismo de negócios, para fomentar a bioeconomia na floresta com a maior biodiversidade do mundo.

Sabemos que preservar a Amazônia é fazer música amazônica com a própria comunidade tradicional, que endente de Amazônia mais do que ninguém. Não adianta ficar somente no discurso de que a floresta precisa ficar em pé, é preciso dar pertencimento aos povos

ancestrais, que são patrimônios culturais imateriais da humanidade.

Os saberes da floresta são passados por meio da cultura indígena de geração em geração, com vivências na dança, na música e com projetos sérios que tem uma postura ética e desenvolvem habilidades e competências dentro do povo indígena dando exemplo de sustentabilidade para a sociedade. A OCAS criou o

"Coletivo Amazônico" um projeto de arte educação para promover sustentabilidade sócio ambiental nos jovens. O Coletivo Amazônico é a voz da Amazônia. A OCAS e o G10 Favelas são instituições que estão comprometidas com ações reais de sustentabilidade das tradições indígenas. Seja você também um doador do projeto "Coletivo Amazônico", CNPJ pix: 40.579.139/0001-56 - OCAS.

Crédito: divulgação.



Renato Rosas

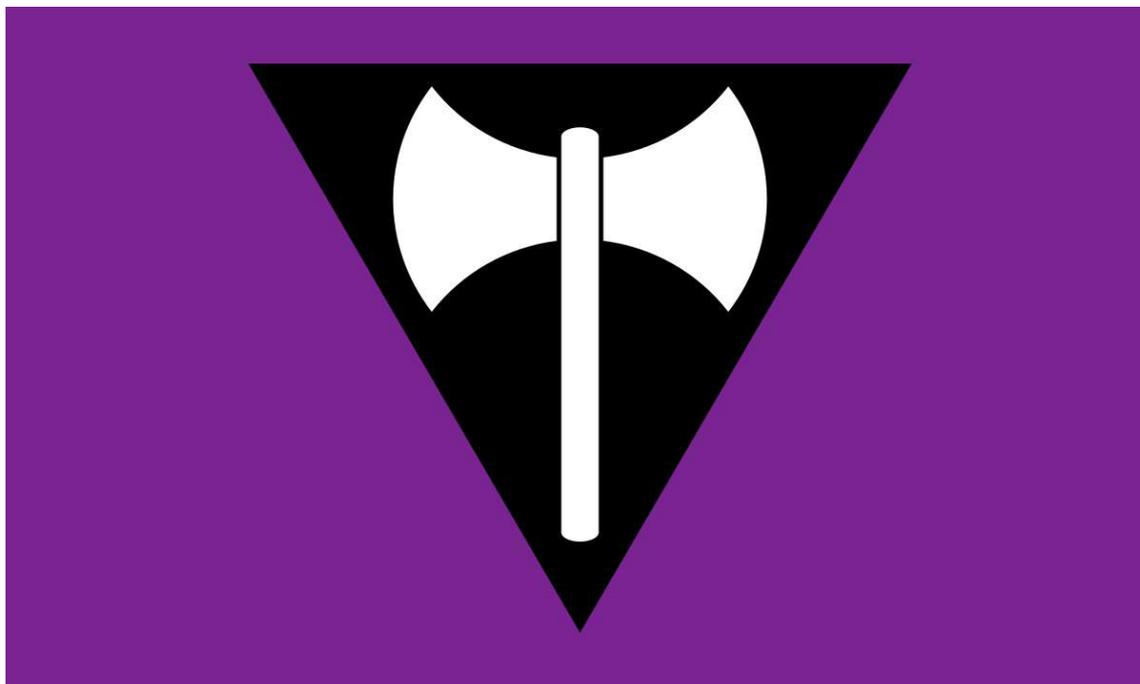
Biomédico, doutorando em naturopatia, cantor, compositor, diretor da Organização Comunitária de Adesão Social - Ocas realiza projetos de impacto socioambiental, cujo propósito é usar a arte para transformar a vida das pessoas.

Eu não sou masculina! termos preconceituosos que só reforçam a lesbomisoginia

Por Anne Santos

Muita gente acredita que nossas características estéticas e comportamentais nada têm a ver com nossa sexualidade, mas essa ideia está completamente errada. É fato que existem dois tipos de lésbicas: aquelas que são femininas e as que não são. Diversas nomenclaturas foram criadas de forma pejorativa para classificar lésbicas desfeminizadas, além disso, devido à falta de visibilidade, nós ainda lutamos diariamente para que esses nomes sejam substituídos por termos que não sejam violentos com a nossa existência. Muitas de nós ainda continuam usando esses termos, pois, desconhecem a problemática e os simbolismos que cada um deles carrega.

A origem do termo "Masculina" é completamente lesbofóbica e misógina. O patriarcado impõe a feminilidade para todas as mulheres e esta foi criada com o objetivo de agradar o olhar masculino. As lésbicas desfem respondem com rebeldia a essa imposição, por isso,



Crédito: divulgação.

sofrem punições sociais por assumirem visivelmente a identidade lésbica.

Lésbicas desfem são constantemente bombardeadas pela ideia de que querem ser homens pelo simples fato de se relacionarem apenas com mulheres e buscarem conforto em seu comportamento e estética. Nesse mesmo pacote podemos citar outros termos preconceituosos como "bofinho", "Machinha" e o famoso "Joãozinho". O uso do termo "masculina" é ainda mais problemático, pois causa uma distorção do que realmente signifi-

ca masculinidade. Uma mulher jamais poderá ser masculina, afinal, esse é um instrumento de poder patriarcal.

Como refletiu a escritora Sheila Jeffreys, no livro "Unpacking Queer Politics: A Lesbian Feminist Perspective [tradução livre: Descompactando a política queer: uma perspectiva feminista lésbica]:

"A masculinidade não pode existir sem a feminilidade. Isolada a masculinidade não tem significado, porque ela não é mais que uma metade de um conjunto de relações de poder. A masculinidade

pertence à dominação masculina assim como a feminilidade pertence à subordinação feminina."

Por causa dessa visão, lésbicas caminhoneiras são vistas frequentemente enquanto figuras masculinas, e uma das consequências dessa questão é a imagem de predadora. Usar banheiro público coletivo se torna um pesadelo, pois mulheres femininas e heterossexuais se sentem inseguras com nossa presença, justamente por terem em mente a representação de que lésbicas são predatórias.

O uso desses termos

também contribui para que lésbicas desfem acabem desempenhando papéis heterossexistas dentro das relações, e performam assim um suposto lugar de "macho" em seus afetos. Dentro dessa dinâmica da qual chamamos de Butch & Femme [Desfem & Feminina], as caminhoneiras não são dignas de afeto, de cuidado ou até mesmo de prazer sexual.

Mulheridade não é sinônimo de feminilidade, afinal, a realidade material de uma mulher enquanto pessoa do sexo feminino continuará em curso. Posso gostar de usar roupas largas, raspar os cabelos, não usar maquiagem ou deixar de me depilar e continuar sendo mulher. Jamais nos compare com homens. Não temos poder algum de oprimir outras mulheres e muito menos de desempenhar papéis masculinos. Nossa existência enquanto mulher é completa e merece ser respeitada.



Anne Santos

Artista, lesbofeminista e ativista pelos direitos de lésbicas desfeminizadas natural da cidade de Januária em Minas Gerais. Fundadora do "Desfeminilizei", projeto social que busca trazer ao público visibilidade e letramento sobre lésbicas desfem.

“Fazer parte dessa transformação social é uma realização, como se eu tivesse ganhado na loteria”, diz Fran Rodrigues

Conheça a história da jornalista periférica que trabalha para criar uma comunicação sem esteriótipos sobre as favelas.

Por Aline Almeida

Francisca Quitéria da Silva Rodrigues (39), é natural de Fortaleza, capital do estado do Ceará, e mudou-se para São Paulo com apenas três anos. Sua mãe sofria violência doméstica e a família precisou interferir para que não acontecesse o pior. E foi assim que ela chegou ao Parque Santo Antônio, bairro periférico da zona sul da capital paulista.

Fran, como é chamada por todos, guarda suas memórias afetivas quase todas na zona sul, inclusive, aquelas que retratam o início da paixão pela profissão, que exerce há mais de 10 anos: “Não tinha ninguém na minha família que trabalhava no jornalismo, mas quem mora em periferia e tem mãe que trabalha, acaba passando muito tempo em casa, e o meu passatempo era a TV”, conta. “Assistia muito noticiário e depois ia para rua ficar com meus amigos conversando, e sempre falava de notícias. Lembro que, na época, um amigo comentou que eu poderia ser jornalista”, completa.

Mas, apesar de não ter nenhuma referência do jornalismo próximo a você,

sempre teve o incentivo da família para concluir os estudos. Após se formar no Ensino Médio, passou a trabalhar em vários lugares como babá, vendedora, entre outros, mas o desejo de estudar jornalismo a acompanhava.

Após alguns anos trabalhando com comércio, conseguiu prestar vestibular, mas achava que era tarde, pois ela tinha 26 anos e era bem mais velha que as outras colegas de universidade. Mas, sua insegurança foi embora, assim que ela se deparou com o mundo acadêmico, pois lá que percebeu que o jornalismo era a profissão que queria exercer.

Durante a faculdade, ela conheceu mais de perto a área social e despertou seu interesse, na verdade, era algo que já fazia parte de seus planos, só faltava partir para a ação, e foi assim que criou o blog chamado “Correio da Zona Sul”, com uma colega de classe. O blog era voltado para noticiar a cena cultural que acontecia nos bairros próximos ao seu, o que permitiu que ela criasse uma rede de contatos com artistas da região, que a procu-

ravam para divulgar seus trabalhos, ou seja, cada vez mais era vinculada a iniciativas sociais.

Após ter trabalhado como estagiária em uma revista de condomínios, passou a entender a importância do trabalho coletivo. E, em 2013, durante a produção do documentário sobre “A história do centenário de Santo Amaro” como trabalho de conclusão de curso (TCC), se inscreveu para um curso de audiovisual que estava acontecendo em Paraisópolis, e foi neste momento que viu a vaga de jornalista no Espaço do Povo. Após a entrevista com Joildo Santos, dono do jornal, foi aprovada para o cargo e começou a trabalhar tanto para o jornal quanto para a agência de assessoria de imprensa que estava começando na época, passando também pela rádio comunitária Nova Paraisópolis.

De lá pra cá, seu trabalho foi se desenvolvendo e ganhando visibilidade: “Ao longo desses anos, esse trabalho de comunicação tem sido bem importante para as iniciativas que vêm surgindo em Paraisópolis. Acho

que essa relação com a imprensa acabou criando uma imagem que a gente estava querendo, de construir uma comunidade organizada, potente, com uma diversidade cultural muito grande”, disse.

Provando toda sua potência, no começo do ano, recebeu o convite para palestrar na melhor universidade do mundo: Harvard. “Nunca imaginei estar em Harvard, acho até estranho falar isso, ainda mais quando você vem de uma família que não sabe o que é Harvard”, contou.

Essa foi apenas uma das oportunidades que a jornalista teve de levar o nome da segunda maior favela de São Paulo, para outros lugares do mundo. Fran, que atualmente atua como diretora

executiva no Grupo Cria, também é uma das coordenadoras do G10 Favelas e, desde o início, tem um papel fundamental na elaboração de discursos contra-hegemônicos, que colocam os moradores das favelas como protagonistas de suas histórias. Junto com o G10 Favelas, ela já representou as favelas do Brasil em diversos países, levando com ela o poder da comunicação de território.

“Fazer parte dessa transformação social é uma realização, como se eu tivesse ganhado na loteria. Que o que antes era impossível para os favelados, agora é inevitável, hoje consigo me ver em vários lugares, com um sentimento de conforto e pertencimento”, finaliza.

Crédito: Julia Ferreira / Agência Cria Brasil.



‘Cena de terror’: ação da PM deixa moradores baleados e criança atropelada em Paraisópolis

Uma mulher e um idoso foram baleados dentro de casa e duas crianças foram atingidas por moto de policial em perseguição a dois homens em comunidade da zona sul de São Paulo em 3 de abril.

Por Jeniffer Mendonça, da Ponte, e Gisele Alexandre, do Espaço do Povo



Crédito: Anderson Jorge / Agência Cria Brasil.

“As crianças estão traumatizadas”, lamenta a mãe de um garoto de cinco anos que foi atropelado, junto com a outra criança da mesma idade e a prima dele, pela motocicleta de um policial militar quando estava a caminho da escola, na comunidade de Paraisópolis, na zona sul da cidade de São Paulo, na tarde desta segunda-feira (3/4). A ação da PM, que teria perseguido dois suspeitos de roubar celulares montados em uma mo-

tocicleta, deixou, além das crianças, outros cinco feridos a tiros.

Inicialmente, a assessoria da Polícia Militar não havia contabilizado o atropelamento entre as vítimas e apontou que havia se deparado com dois suspeitos roubando pessoas e se iniciou uma perseguição policial que deixou cinco feridos após uma troca de tiros.

Apenas na tarde desta terça-feira (4/4), a assessoria da PM emitiu uma nova nota dizendo

que, após ser alertada pela imprensa, identificou, pela análise da câmera na farda, que “houve o contato não intencional” de um soldado com um garoto que passava próximo e que não havia se dado conta da situação. “A Polícia Militar oferece apoio à família da criança que teve escoriações”, disse.

A mãe da criança, porém, desmente que lhe foi prestado auxílio pela corporação. “Não foi dada nenhuma as-

sistência”, criticou à reportagem quando o menino foi levado à Assistência Médica Ambulatorial (AMA) de Paraisópolis pela família e que pegou atestado de três dias de repouso por causa das dores no corpo. Um vídeo mostra o garoto com mochila nas costas saindo debaixo da motocicleta do soldado Victor Corradini, do 16º Batalhão de Polícia Militar Metropolitano (BPM/M).

A criança ficou com ferimentos no braço,

cotovelo e queixo.

“O policial se desequilibrou e bateu nas duas crianças e na mulher. Não teve troca de tiro”, relatou uma testemunha. “O policial não chamou ambulância para socorrer as crianças, chamou só mais viatura.”

Outra vítima que teve que contar com a ajuda de moradores para ser socorrida foi Monica (nome fictício), 20 anos, ao ter sido baleada na coxa dentro da própria residência. “Eu estava

COMUNIDADE

9

limpando a minha casa quando ouvi uns estrondos muito fortes. Eu me desesperei e fui tentar fechar o meu portão”, contou. “Meu cachorro se assustou e se aproximou do portão. No momento em que eu empurrei ele com a perna para proteger dos disparos, porque eu consegui ver um vindo na minha direção, [o tiro] pegou na minha coxa direita. Foi muito rápido.”

Assim como a mãe da criança, ela afirma que os policiais não deram nenhuma assistência e que, inclusive, se recusaram a tirar a moto da rua para permitir a passagem, já que foi levada de carro à AMA pelo namorado e depois transferida ao Hospital do Campo Limpo. “Uma cena de terror! O

PM atirou sem parar!”, denunciou à reportagem. “A bala passou por mim e depois atingiu a porta da minha casa”, lembra. “Deus foi maravilhoso na minha vida. Por pouco eu não estava aqui para contar a história porque faltou poucos milímetros para atingir a artéria femoral, que faz ligação com o coração”, desabafou.

O sogro dela, de 62 anos, também foi alvejado de raspão. “Na hora que ele começou a ouvir os disparos, ele se abaixou no carro de uma garagem vizinha, e ainda assim pegou no pé”, relatou Monica. O idoso contou no 89º DP (Jardim Taboão) que estava em cima de uma escada, arrumando a janela de casa, e que ouviu tiros quando

desceu dos degraus. Ele afirmou que “sentiu um negócio em sua perna esquerda” ao se esconder atrás de um carro e depois percebeu que era um tiro, mas não soube de onde partiu.

Outros moradores ouvidos pelo site Espaço do Povo também disseram que não houve troca de tiros. “Um mano saiu correndo e entrou pra casa do meu irmão. Os caras já começaram a destruir a gente. Começou a tratar na ignorância, meu irmão trabalhador com criança dentro de casa. Chegou oprimido todo mundo”, contou morador.

Alguns vídeos mostram um homem baleado em frente a um comércio e sendo carregado por moradores até um carro para ser

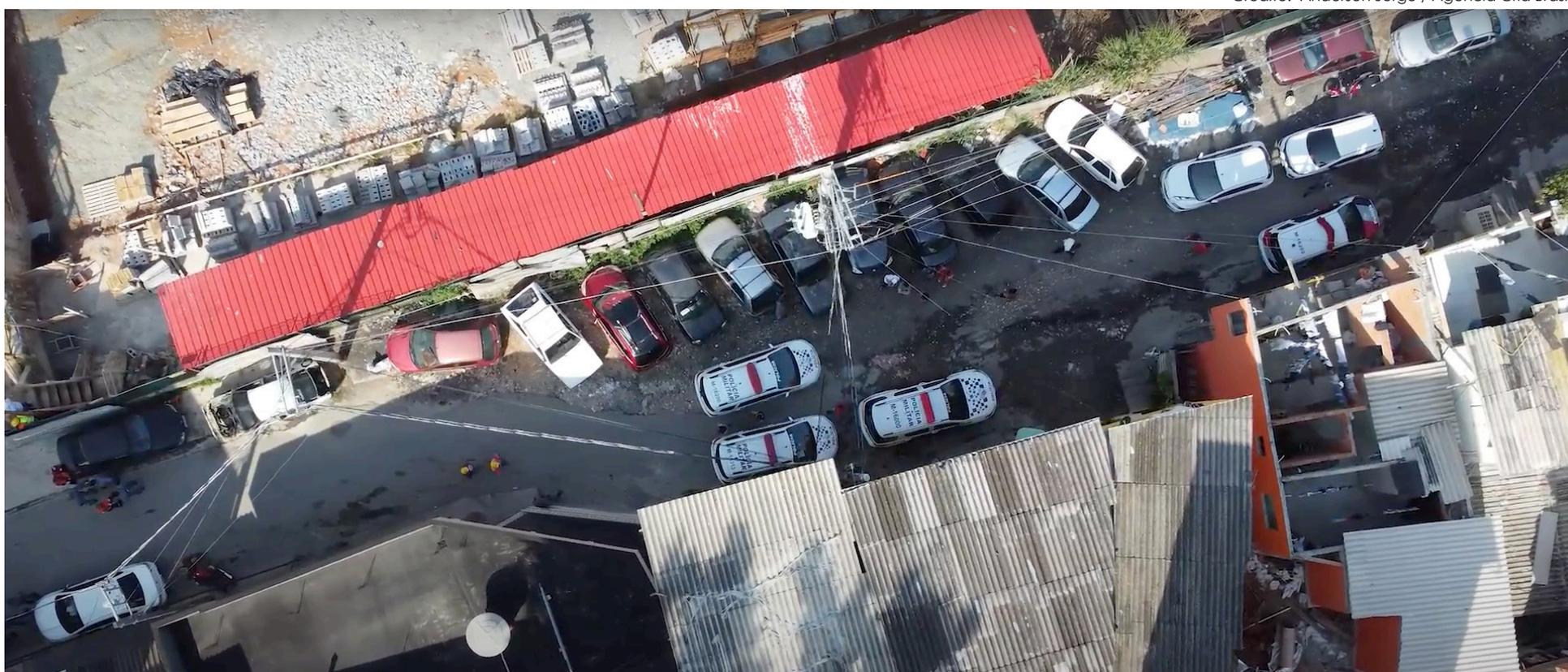
socorrido. A reportagem não conseguiu identificá-lo. Algumas pessoas próximas ao local dos disparos contam que, poucos minutos após o início da perseguição, cerca de 12 viaturas da Polícia Militar chegaram na Rua Itamotinga, que dá acesso à comunidade. Por conta das vielas serem estreitas, apenas os policiais de motocicletas subiram a favela, enquanto as viaturas bloqueavam toda a rua.

Durante toda a tarde e início da noite, um helicóptero da PM sobrevooou a comunidade e, após a chegada do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu), que levou os feridos mais graves para o hospital, as ruas que dão acesso à favela ficaram fechadas. Além

de assustada, a comunidade se revoltou com a ação que deixou crianças e moradores feridos.

Outras imagens de moradores de Paraisópolis chamando policiais militares de “lixo” e apontando o dedo do meio também foram compartilhados de forma isolada, sem referência à ação, em perfis de nomes como o deputado federal Coronel Telhada (PP-SP) e outros parlamentares da Bancada da Bala, formada de deputados provenientes de carreiras das forças da segurança pública, apontando que a polícia estava sendo hostilizada pela população.

Crédito: Anderson Jorge / Agência Cria Brasil.



Versão da PM

De acordo com o boletim de ocorrência registrado no 89º DP, os soldados Jhonathan Ramos dos Santos e Victor Corradini, do 16º BPM/M, estavam em patrulhamento em motocicletas quando viram na Rua Larcio Corte dois homens em uma moto que teriam fugido quando avistaram os policiais.

A dupla teria saído em alta velocidade e, segundo os PMs, o garupa olhava para trás e mexia na cintura, parecendo estar armado, momento em que Ramos teria dado ordem de parada, o que não foi obedecido.

Durante a fuga, os suspeitos entraram na comunidade de Paraisópolis pela Travessa Luis Lopes Coelho. O soldado Corradini declarou que, ao passar pela Rua Pasquali Gallupi, um pedestre atravessou a rua na sua frente e “tombou o retrovisor com um senhor transeunte”, freou a motocicleta para a direita e caiu.

Ele disse que se feriu no braço, mas o pedestre, não, e que solicitou apoio de outras viaturas. O policial não menciona ter atingido a criança que ia para a escola e nem que prestou socorro.

Já o soldado Jhonathan Ramos seguiu a

dupla sozinho. Ele afirma que os suspeitos caíram da motocicleta ao realizar uma manobra. Em seguida, afirmou que “o garupa se apoderou da arma de fogo que estava na cintura” e que ele “teve que se defender efetuando aproximadamente dez disparos de arma de fogo em direção aos infratores”.

Ramos disse que viu os dois serem atingidos pelos tiros, viu o garupa armado e atirou novamente, mas o homem correu e deixou a arma no local, que foi recolhida pelo PM, uma pistola calibre 9 mm, “com carregador alongado e com destrava para tiros intermitentes, e mira laser”. O PM disse que estava sozinho e que a comunidade estava “virando” após presenciar a situação e que o local estava “hostil”. Depois, ele afirma que percebeu que outras duas pessoas haviam sido baleadas. Ele relatou que não viu os suspeitos atirarem e que solicitou apoio de outras viaturas. Segundo ele, a dupla foi socorrida por moradores, que também teriam lavado o chão manchado de sangue. Quando o reforço chegou até a Rua Pasquale Gallupi, o soldado Corradini decidiu ir atrás de Ramos, que tinha continuado a perseguição. Segundo

ele, quando passava pela Rua das Jangadas, um homem “sacou uma arma de sua cintura e apontou para a equipe”. Corradini disse que o soldado, identificado apenas como Jhone, desembarcou da moto e se deparou com o suspeito apontando a arma e “efetuou aproximadamente cinco disparos em direção ao agressor”. O homem teria se virado de costas e atirado enquanto fugia. Outro soldado, Paulo Sérgio de Oliveira Junior, disparou quatro vezes em revide. O PM disse que outro homem que estava em companhia desse suspeito acabou atingido na perna e que a equipe acionou reforço e preservou o local. Esse homem baleado, de 23 anos, foi levado ao Hospital do Campo Limpo. Dois homens de 26 anos apontados como a dupla que fugiu foram localizados no hospital. O motorista levou um tiro no peito e segue internado. Já o garupa foi ferido na perna. Segundo o boletim de ocorrência, o garupa foi apresentado no 89º DP (Jardim Taboão), depois de ter sido liberado pelo Hospital Universitário, onde foi reconhecido presencialmente por três pessoas que relataram que dois celulares foram rou-

bados por uma dupla em uma motocicleta quando estavam sentados na calçada. O local exato dessa calçada não é informado e as vítimas disseram que não poderiam descrever os assaltantes porque eles estavam de capacete.

Não há detalhes de como foi feito esse reconhecimento, mas o registro informa que os dois celulares roubados estavam no bolso do garupa e que a moto que a dupla dirigia era roubada. No DP, esse homem negou ter envolvimento com o crime e disse que foi baleado por estar “em um beco próximo” ao local.

O cabo Jefferson Silva Enes Dias, que levou a ocorrência até a delegacia, disse que a equipe recolheu as cápsulas deflagradas no local por determinação de um superior que não é identificado sob a justificativa de que “não foi possível a preservação do local, por questões de segurança, sendo que a comunidade estava ‘virando’”.

O delegado Luís Philippe B. Garcia Santos solicitou a prisão em flagrante do suposto garupa por ter sido o único reconhecido e liberado do hospital. Ele também requisitou perícia para o local, exames residuo-gráficos (para detectar

vestígios de disparo) nos PMs e nos três homens envolvidos, mas não pediu as imagens das câmeras acopladas às fardas dos policiais nem busca por possíveis câmeras de segurança. As armas dos PMs bem como a pistola 9 mm foram apreendidas para perícia.

Nota oficial

A Polícia Militar prendeu dois homens em flagrante, após praticarem roubos de celulares na tarde desta segunda-feira (3), em Paraisópolis. Durante a ocorrência, os criminosos fizeram menção que iriam atirar contra os policiais, que entrevistaram.

Além dos indiciados, outras três pessoas foram baleadas e socorridas aos hospitais da região. Um dos envolvidos recebeu alta e foi apresentado na delegacia. Já o segundo permanece internado, sob escolta policial.

Os fatos foram registrados no 89º Distrito Policial (Jardim Taboão), que solicitou perícia no local. Os celulares roubados que estavam com os autores, bem como as armas utilizadas, foram apreendidas. As Polícias Civil e Militar apuram os desdobramentos, analisam as imagens e ouvem os envolvidos.

Bolsa Família: Programa de transferência de renda volta com novas regras

O objetivo é atender famílias que estão de linha da pobreza e extrema pobreza.

Por Leonardo Almeida

Em 2023, o Bolsa Família completará 20 anos. Exemplo de política pública de assistência social no mundo, o programa sobreviveu a diversas trocas de governo.

Mesmo passando por mudanças profundas durante a gestão de Jair Bolsonaro, estará ainda mais forte no terceiro mandato do presidente Luís Inácio Lula da Silva.

De acordo com o atual governo, o retorno do programa ajudará 21 milhões de famílias, entre pessoas que vivem na linha da pobreza, com renda de até R\$210, e famí-

lias que estão na extrema pobreza, com renda menor que R\$105. Além da renda, o programa também abraça questões sociais importantes para a vida digna de uma família,

como a segurança alimentar e a garantia do acesso à saúde e à educação.

Novas regras:

- O benefício terá validade de 24 meses, na primeira versão do Bolsa Família a validade era de apenas 12 meses.
- Famílias poderão ter renda maior, sem perder o benefício. Antes uma pessoa poderia aumentar seus ganhos em até duas vezes e meia a linha da pobreza, ou seja, R\$525, sem que o benefício fosse cancelado. Agora esse limite é de R\$651.
- O benefício poderá ser depositado em conta digital. Na versão anterior, o pagamento só podia ser feito em conta corrente, conta poupança simplificada ou conta poupança social digital.

Existem algumas condições para permanecer no programa:

- Exigência de frequência escolar para crianças e adolescentes entre 4 e 17 anos.
- Acompanhamento pré-natal para gestantes.
- Acompanhamento nutricional (peso e altura) das crianças até seis anos.
- Manutenção do caderno de vacinação atualizado.

Eliane da Silva Limas dos Santos, moradora do bairro Sol Nascente, em Ceilândia, Distrito Federal, revela como o Bolsa Família auxilia no seu dia a dia: "Paga a conta, pago luz, água e faço compras. O arroz, feijão, macarrão, sardinha, essas coisas que algo que a gente utiliza durante o dia a dia, no almoço e na janta", disse.

Nos últimos 20 anos, o programa colaborou para o desenvolvimento das classes mais po-

bres. Conforme estudo realizado em 2007, pelo Ibase (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas) as famílias que participam do programa possuem mais acesso a alimentos, 87% dos beneficiários afirmam comprar comida com o dinheiro do programa Bolsa Família.

Para a assistente social do Serviço Especializado de Abordagem Social, Marlene Roque de Souza, o Bolsa Família garante

uma condição básica para essas famílias terem comida na mesa: "A gente atende hoje essas famílias e também atende a população de rua que eles não têm, literalmente o que comer mesmo. Então, para esses homens e essas mulheres, e mulheres trans em situação de rua, o Cadastro Único é um pouquinho de dignidade que a gente consegue para eles. Eles conseguem comprar uma marmitta."

Em pesquisa divulgada em 2019 pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) apenas no ano de 2017, 3,4 milhões de pessoas saíram da extrema pobreza devido ao Bolsa Família. Porém, com o desmonte das políticas públicas dos últimos 4 anos, foi possível perceber um retrocesso na qualidade de vida dos brasileiros. Atualmente, conforme dados do IBGE de 2021, o Brasil possui 62,5 milhões de pes-

soas vivendo na pobreza, o que significa 29,4% da população.

Para saber se você tem ou não direito ao programa Bolsa Família, aponte a câmera do celular para o QR-Code.



Mães solo: a cultura do abandono paterno e o acúmulo de responsabilização para as mulheres

De acordo com com Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), a maioria dos domicílios no Brasil é chefiada por mulheres

Por Aline Almeida

Mãe. Uma palavra que todos conhecem e já associam ao cuidado, ao lar. Sabemos de todos os desafios que elas passam e, mesmo assim, a maternidade é constantemente romantizada. Na maioria das vezes, são as mulheres que assumem toda a responsabilidade dos filhos, mesmo quando estão em um relacionamento. Agora imagine para as mães solo, que vivem com suas crias sem nenhuma rede de apoio. Quão exaustivo ter que assumir tudo e ainda ter que lidar com o abandono, a solidão e os julgamentos.

Para Jessica Lousada, especialista em direito das famílias e mãe solo, rara são às vezes que uma mulher planeja exercer a maternidade solo. E isso, não significa estar em um relacionamento ou não. Não existe mãe solteira, ser mãe não é estado civil. Em um contexto geral, a mãe solo é aquela mulher que exerce sozinha ou com o mínimo de apoio os deveres de criação de um filho.

“É exaustivo ter que assumir tudo, sabendo



Crédito: Luis Malke / Agência Cria Brasil.

que existe uma outra pessoa que também tem os mesmos deveres, mas não cumpre. Ser mãe é genuíno, é, sim, a exteriorização do amor, mas, nada disso ratifica a normalização do abandono ou a falta do cumprimento dos deveres parentais. A minha maternidade é linda, mas, ao mesmo tempo, extremamente cansativa, estou cansada de ser uma mulher cansada”, explica a especialista.

E como podemos observar, essa realidade para quem se torna mãe nessa geração não tem sido diferente das mulheres de outras décadas, de

acordo com Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), a maioria dos domicílios no Brasil é chefiada por mulheres, 50,8% de lares possuem liderança feminina, o correspondente a 38,1 milhões de famílias, sendo o maior número mulheres negras, 21,5 milhões de lares e as não negras, 16,6 milhões, no 3º trimestre de 2022.

Como é o caso da Fernanda Martins, mãe solo de cinco crianças entre 9 e 2 anos, chefe de família, mora numa ocupação em Paraisópolis, segunda maior favela de São Paulo. Para

ela, a maior dificuldade é ter que lidar com a preocupação diária de não deixar faltar nada para os filhos, sem trabalho fixo e apenas com o auxílio social do governo.

“Eu conto com ajuda de pessoas e, de vez em quando, do meu pai, pois minha maior dificuldade é não deixar faltar nada para as crianças, não trabalho fixo, faço bicos e recebo o bolsa família”, conta Fernanda.

“É muito fácil dizer que sonha ser pai, em uma sociedade que já se acostumou em colocar toda a responsabilidade na mulher. Por sua vez, o homem que

cria o filho, que é uma quantidade ínfima, terceiriza os cuidados, seja para a avó, para uma tia, por exemplo. E mesmo assim, é visto como herói. O homem que faz o mínimo é aplaudido, a mulher que dá conta de tudo, não fez mais do que a obrigação”, ressalta a especialista.

Para que essa situação seja superada, é importante que as mães busquem auxílio jurídico para responsabilizar os pais judicialmente, se necessário.

“Realmente sozinha eu não dou conta, a minha filha Manuele, de 7 anos, mora com a minha ex-sogra, e eu percebo o jeito que as pessoas me olham, o preconceito me acomete todos os dias, coisa que não acontece com o pai dos meus filhos”, enfatiza Fernanda.

“Não podemos esquecer que o materno é ato político, não à toa que o direito de família está na Constituição, o Estado precisa que a criança e o adolescente, se apresentem na condição de cidadão para a vida adulta,” finaliza a especialista Jessica.

Cadê o pai? Como a ausência da figura paterna afeta a vida de uma criança

Em 2022, 165.032 crianças não tiveram o registro do pai na certidão de nascimento

Por Leonardo Almeida

Provavelmente você conhece alguém que não teve o pai presente. Por várias razões, inclusive por abandono. Pode ser um amigo, um vizinho ou você mesmo. No Brasil, todos os dias 452 crianças são registradas sem o nome do pai, de acordo com dados da Arpen (Associação Nacional de Registradores de Pessoas Naturais) de 2022. É comum ver pais sem comprometimento com os fi-

lhos, deixando toda a responsabilidade com a mãe. Problema que, aparentemente, não assusta mais ninguém no Brasil. A cena de uma mãe solo lidando com os desafios de criar uma criança, não incomoda muito a nossa sociedade, mas a irresponsabilidade desses atos deve ser cobrada.

O morador de Paraisópolis e videomaker, Luis Maike (30), é pai de uma menina de 2 anos, e conta sobre a ausência do

seu pai e como isso refletiu na sua vida: “A ausência dele, por muito tempo, refletiu em forma de ‘por quê?’. Primeira vez que o vi, eu tinha 12 anos, porém só fui conhecê-lo quando já tinha 17. Foram 17 aniversários sem ele. Então eu refletia: por que na escola os pais buscavam todo mundo, mas na minha vez era o meu avô, no lugar do meu pai?”.

Maike fala também sobre sua experiência enquanto padrasto de três jovens, do seu antigo relacionamento. “Eu pegava como se eu realmente fosse pai deles. Tudo que eu não tive, como atenção, amor, carinho e dedicação, eu tentei dar ao máximo. Mas, tentando procurar algo, porque eu nunca tive essa referência de como é ser pai, como ser afetivo. Mesmo assim, ao longo de dez anos, eu tentei traçar uma linha para eles, para que chegassem a me considerar como um pai. E hoje eles me consideram assim, isso é muito gratificante”, conta.

O número de crianças sem registro do pai na certidão de nascimento está crescendo no Brasil. Em 2020, 5,8% das crianças ficaram sem o nome do pai no documento, em 2021, 5,9%, já em 2022 esse número chegará a 6,6%. Até o mês de março deste ano, já são 6,8% de crianças registradas apenas com o nome da mãe, são 39.698 crianças, segundo o Arpen.

“A ausência desta figura paterna, pode impactar no desenvolvimento cognitivo, emocional, psicológico e escolar da criança, além de questões ligadas a inseguranças e sentimento de inferioridade”, diz a psicóloga Camila Nascimento.

O abandono paterno é considerado uma questão “comum” no Brasil, quase naturalizado. Mesmo com todos os dados sobre os pais ausentes, ainda existem muitas perguntas sobre o tema. Até quando os homens não serão responsabilizados por suas atitudes? Ou pela ausência delas. Por que a nossa sociedade ainda tolera esse tipo de com-

portamento?

Uma das consequências desta atitude é o chamado “abandono afetivo”. Este termo é usado para tratar da ausência de afeto aos filhos, a falta de apoio emocional e convivência. São questões que impactam duramente a vida destas crianças e também das mães.

“Da parte da mulher que fica com o filho, existe uma sobrecarga, além de apresentar os cuidados para com o filho, precisa muitas vezes ficar nesse lugar de pai. E isso é muito complexo, principalmente nesse momento que a gente vive, nessa sociedade machista”, completa Camila.

A nossa sociedade tem o dever de discutir como essas atitudes afetam emocionalmente nossas famílias. São histórias que se repetem e vão passando de geração em geração, avós, pais e filhos. Cabe a nós, enquanto sociedade, refletirmos sobre esse comportamento, e não considerar comum que crianças sejam abandonadas pelos pais.

Crédito: Luis Maike.



Etarismo: por que a idade do outro incomoda tanto algumas pessoas?

Preconceito contra pessoas devido a sua idade gera repercussão nos últimos tempos

Por Aline Almeida

Em março, viralizou um vídeo de três universitárias de biomedicina, debochando da colega de classe, por ela ter mais de 40 anos e estar estudando. O vídeo foi postado apenas no “close friends” (para um grupo selecionado de seguidores da rede social) mas acabou repercutindo e viralizando no Twitter, ultrapassando dois milhões de visualizações.

Mas afinal, você sabe o que é etarismo? Trata-se de uma forma de preconceito e discriminação baseada na idade, na qual

as pessoas são julgadas e tratadas de forma diferente, sendo mais acentuado para os mais velhos. Ainda mais em uma era de atualizações e mudanças tecnológicas.

O especialista no mercado da longevidade, Morris Litvak, explica que para combater o etarismo é importante promover a conscientização sobre o problema e incentivar uma mudança cultural em relação ao envelhecimento: “Isso pode ser feito por meio da educação, da criação de políticas pú-

blicas, da promoção da diversidade etária nas empresas (com o apoio da alta liderança) e da valorização das contribuições das pessoas mais velhas para a sociedade e para o futuro do país, que será cada vez mais maduro”, diz.

Para a estudante de psicologia Samara Lira, de 40 anos, nunca uma pessoa mais jovem terá a bagagem e experiência de alguém que está há anos no mercado de trabalho, portanto, o que pode ser feito é uma troca de experiências.

“Qual a diferença de uma informação para um conhecimento? O conhecimento são informações acumuladas que encadeadas uma a outra você se torna um especialista, ou seja, é a diferença de um profissional júnior para um sênior”, explica Samara.

Apesar desses episódios de etarismo, percebe-se que está sendo construído uma consciência que independente da idade, o conhecimento e experiência que as pessoas carregam valem bem mais do que apenas

descartá-las da sociedade, e para a população brasileira que a tendência é ser cada vez mais velha o ideal é preparar-se para uma vida longa.

Investir na saúde física e mental, manter-se ativo e engajado com a vida, construir relacionamentos saudáveis e buscar oportunidades para aprender e crescer ao longo da vida. Além disso, também planejar-se financeiramente para garantir uma segurança financeira ao sair do mundo corporativo ou se aposentar.

Mercado de trabalho para os 50+

Os idosos correspondem a quase 15% da população brasileira e de acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2019 a expectativa de vida no Brasil era de 76,6 anos. Ou seja, cada vez mais a população brasileira será composta de pessoas mais velhas, sendo necessário quebrar paradigmas.

De olho nesse público em potencial, algumas iniciativas têm criado soluções para incluir a popula-

ção mais experiente no mercado de trabalho. É o caso da Maturi, empresa que surgiu em 2015 para apoiar as estratégias de diversidade etária e geracional das organizações, levando capacitação sobre as mudanças demográficas da força de trabalho e atraindo os melhores profissionais 50+.

“O mercado de trabalho tem mudado em relação à população 50+. Muitas empresas estão começando a reconhecer

o valor das habilidades e experiências das pessoas mais velhas e estão implementando programas para atrair e reter trabalhadores mais velhos”, conta Morris. Temos percebido um movimento interessante de empresas buscando a Maturi nos últimos anos, indicando uma tendência a valorizar mais o tema”, completa.

Crédito: divulgação.



PEC das Domésticas completa 10 anos

Dados do DIEESE apontam que, profissionais de trabalho doméstico sem carteira assinada ganham 40% menos que trabalhadores formais.

Por Leonardo Almeida



Crédito: Luis Maíke / Agência Cria Brasil.

Após uma década da publicação da Emenda, assinada pela ex-presidente Dilma Rousseff em 2013, as empregadoras ainda encontram dificuldades para assinar as carteiras de trabalho destas profissionais.

Por isso, a informalidade ainda predomina neste setor, conforme dados do Pnad

(Pesquisa nacional por amostra de domicílios), estudo feito pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a cada quatro profissionais, apenas um possui carteira assinada. Atualmente, 74,8% trabalham sem carteira assinada, em 2013, quando a PEC foi assinada, esse número era de 68,4%.

A empregada doméstica Olismar de Jesus Flores Miranda (26), chegou ao Brasil três anos atrás, veio da Venezuela. Atualmente mora em Paraisópolis, segunda maior periferia da cidade de São Paulo, e atualmente trabalha como diarista, cerca de 8h por dia, dois dias na semana. “É muito complicada,

pois todos os benefícios são importantes. Futuramente, gostaria sim de ser registrada, atualmente não tenho carteira assinada, isso já faz um ano”, conta Olismar.

Na última década, o Brasil passou por duas crises econômicas, que afetaram também as classes média e alta, que são quem contratam domésticas. A recessão de 2016 e a pandemia do coronavírus em 2020, sobrepôs os efeitos da PEC, atrapalhando a formalização de diversos setores, inclusive no trabalho doméstico.

Para Mario Avelino, presidente da ONG Doméstica Legal, a informalidade é preocupante para o setor: “Queremos que o empregador tenha estímulos ou benefícios para poder contratar formalmente a sua empregada. O patrão doméstico é um grande gerador de trabalho e renda e deve receber benefícios e ser valorizado como tal”, afirma Mario.

Segundo o DIEESE (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos), dados de 2021,

apontam que profissionais de trabalho doméstico que estão sem carteira assinada ganham, em média, 40% menos que profissionais formais.

Na região sudeste, os ganhos chegam em média a R\$1.044, porém no nordeste a média salarial é de apenas R\$615.

Embora a PEC das Domésticas tenha surgido como uma esperança para o emprego formal desta classe, no decorrer desta década as domésticas enfrentaram muitas dificuldades para terem a carteira profissional assinada. Hoje estes trabalhadores vivem na informalidade, sem perspectiva de mudanças significativas em um futuro próximo.

Para saber como garantir os direitos às empregadas domésticas, acesse o manual do empregador doméstico através do QRCode.





**TRANSFORMANDO IDEIAS EM REALIDADE, CONECTANDO
MARCAS E PESSOAS ATRAVÉS DA COMUNICAÇÃO.**

CRIA BRASIL

Hip hop: 50 anos de corre e resistência

O movimento reuniu a quebrada e o mundo em torno da cultura de rua

Por Leonardo Almeida

Surgiu na década de 1970 o movimento que mudaria a moda, a dança e a música para sempre. Desde a época dos bailes, em que nossos pais e avós dançavam o passinho marcado nos clubes, o hip hop inspira a juven-

tude por meio da arte.

O movimento que começou no Bronx, bairro periférico de Nova Iorque, nos Estados Unidos, em 1973, completa 50 anos em 2023. Ele surgiu nas festas de rua, como uma forma de reunir as comunidades

caribenha, afro-americana e latina. O DJ Kool Herc, conhecido como um dos criadores do movimento, abriu o caminho do que futuramente ficaria conhecido como movimento hip hop.

Durante meio sécu-

lo, o movimento inspirou pessoas a expressarem sua arte através dos quatro elementos: DJ, MC, Grafite e Breakdance. Aos poucos, a cultura criada nas ruas ganhou força e se tornou referência na música, moda e dan-

ça. Nomes como DJ Grandmaster Flash e o grupo Whodini, são exemplos de artistas que divulgaram o movimento através da música, que pouco depois seria conhecida como rap.

(Livro: Hip Hop Cultura de rua / Kaseone e Raul Dias)



Brasil: 40 anos do movimento hip hop

A cultura chegou ao Brasil no início dos anos 1980. Se popularizou por meio de informações que vinham dos Estados Unidos, por meio de revistas, filmes, discos e fitas cassete. Tudo era novidade, o ritmo, as roupas, o cabelo e o jeito de dançar. A juventude negra estava tendo o primeiro contato com a cultura recém criada.

“Eu ia em uma balada chamada Haddock [em São José dos Campos, São Paulo], e vi um homem com um cabelão, bem grandão, dançando Soul no meio da pista, balançando a cabeça, pensei que negócio doido! Era o Nelson Triunfo, só depois eu fui entender a importância dele na cultura hip hop”, lembra a DJ

Vivian Marques que começou na discotecagem em 2007.

No início, o rolê acontecia na Galeria 24 de maio e na estação São Bento, no centro de

São Paulo, e de lá foi se espalhando pela cidade. O pessoal se reunia para dançar break

e ouvir rap no rádio Boombox, aqueles rádios gigantes a pilha. As referências do movimento na época eram o b-boy Nelson Triunfo, Thaíde, Dj Hum e Pepeu. Vários nomes importantes também surgiram destes encontros, como os grafiteiros “Os Gêmeos” e os “Racionais MC’s”. A Rua estava escrevendo sua história.

“Desde jovem, com 12, 13 anos, já tive contato com os bailes e as festas, e consequentemente, com o rap, que a gente ainda não tinha essa definição, era o balanço. Eu ouvia os Originais Funk, James Brown, Kool and Gang, e depois nos bailes começamos a ouvir rap em todas suas vertentes”, diz Gaspar Z’África, integrante do grupo Z’África Brasil que completou 30 anos recentemente. “O primeiro rap que aprendi, foi o rap dos Irmãos Metralha, [DJ Dri e Lino Cris], o Rap da Abolição, foi através desta música que me identifiquei com o rap”, completa.

(Livro: Hip Hop Cultura de rua / Kaseone e Raul Dias)



Créditos: Divulgação

Conhecimento: quinto elemento

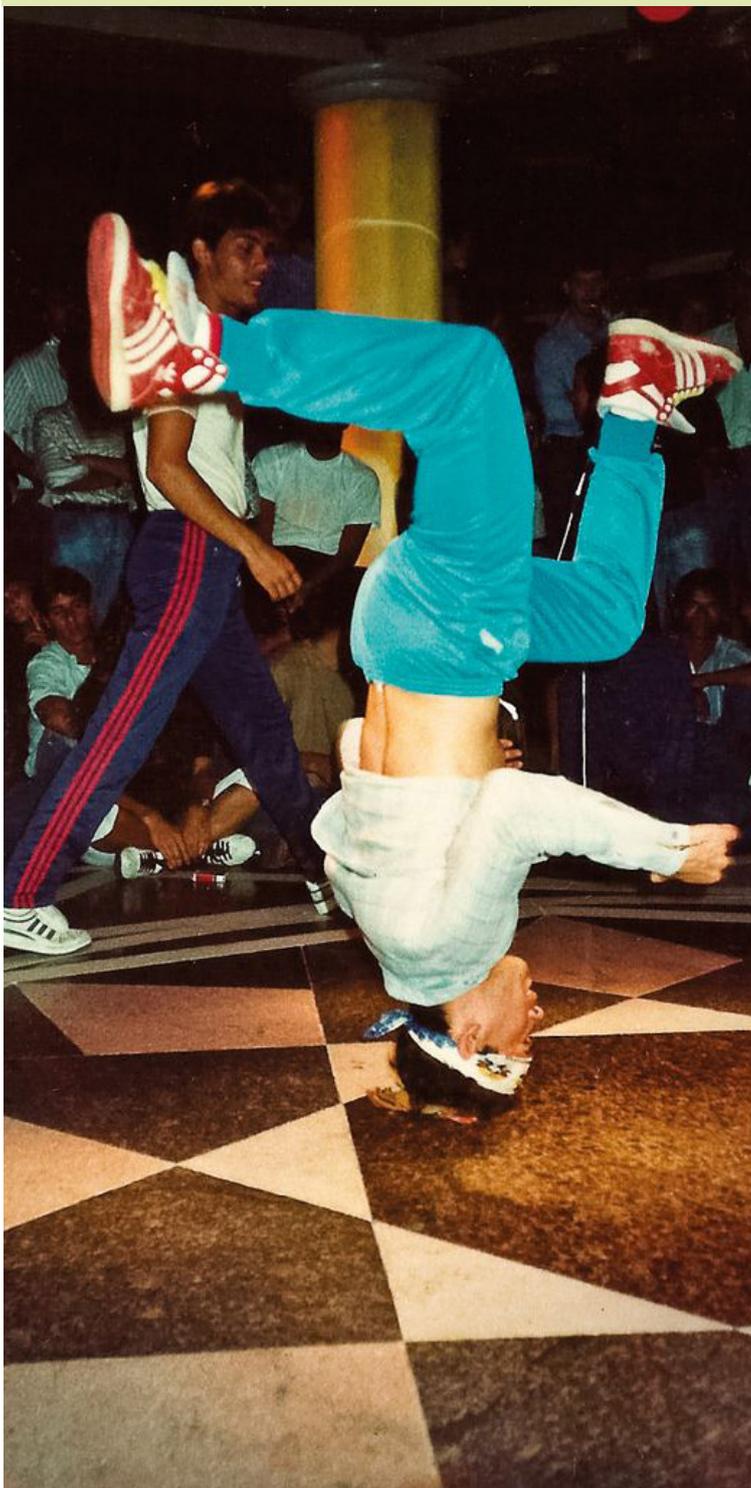
Considerado um dos criadores do hip hop, Afrika Bambaataa foi o responsável por unificar todos os elementos, criando o movimento hip hop. Os quatro elementos que co-existiam de maneira independente, passaram a se complementar e ganharam ainda mais força, quando Afrika Bambaataa criou o quinto elemento: o conhecimento, fruto das experiências geradas através dos elementos básicos.

Uma letra de rap, o desenho de um grafite ou uma b-girl girando no moinho de vento, cria uma reflexão sobre a experiência vivida no movimento hip

hop. Essa mensagem é capaz de produzir consciência, conhecimento e transformar a vida das pessoas que acessam os elementos desta cultura.

Afrika Bambaataa foi o fundador da Universal Zulu Nation, organização criada em 12 de novembro de 1973, com o objetivo de pacificar o bairro do Bronx, por meio de políticas sociais e pela dança, música e o grafite. A organização está presente em quase todo o planeta, no Brasil, tem sede em Diadema, município da Grande São Paulo, e é liderada por King Nino Brown, considerado do antropólogo do hip hop.

CULTURA



(Livro: Hip Hop Cultura de rua / Kaseone e Raul Dias)

Breakdance

Mas não foi apenas através da música que o movimento ganhou destaque. O hip hop teve forte influência da dança de b-boys e b-girls no breakdance. O break surgiu em São Paulo como uma herança dos bailes black dos anos 70. No início dos anos 80, período da ditadura militar, as

apresentações eram repreendidas pela polícia. Apesar da perseguição, ao longo da década, as batalhas de break se popularizaram na cidade, e ganharam a atenção de TVs e revistas. A dança passou a ser vista como uma nova moda.



(Livro: Hip Hop Cultura de rua / Kaseone e Raul Dias)

Grafite

O grafite apareceu como uma forma de protesto para o pessoal da quebrada, uma maneira de deixar sua identidade nas ruas da cidade. Nos anos 80, as gangues da cidade de Nova Iorque usavam o grafite para marcar seu território com as "tags" e avisar que aquele bairro já tinha seus donos. Nas décadas seguintes, o grafite cresceu e se juntou ao movimento hip hop, fazendo parte do cenário das cidades do mundo inteiro.

Rap

No início do movimento, as pessoas iam para as festas "apenas" para ver os DJ's tocarem. Porém, os MC's (mestre de cerimônias) começaram a participar também. Foi a mistura perfeita. Assim surgiu o que conhecemos hoje como rap. O DJ dando o ritmo e o MC rimando no microfone. O registro físico inaugural do hip hop nacional é o lançamento do disco de rap "Hip Hop

A grafiteira Bicho Ruim, cria do Capão Redondo, fala sobre seu envolvimento com o grafite e sua primeira inspiração: "Minha primeira inspiração foi o Le Asap (grafiteiro). Tinha alguns grafites dele nesse caminho indo para o trabalho, as pinceladas dele era delicado de longe, mas de perto dava pra sentir muitas outras coisas. Pronto é isso, eu quero ser capaz de deixar isso na rua", lembra a artista da nova geração que

se destaca produzindo desenhos com estilo inconfundível.

Como diria o rapper Kamau, "Me sinto o alicerce, não aparece mas sustenta". O hip hop está há 50 anos contando as histórias feitas por pessoas que não aparecem sempre, porém, foram extremamente importantes para a construção desta cultura que busca refletir, questionar e inspirar pessoas através da arte.

Cultura de rua", de 1988, com participações de Thaíde & Hum, O Credo, MC Jack, André Abujamra e Código 13. O disco deu o nascimento do movimento no Brasil e mostrou ao país como essa expressão artística funcionaria dali em diante.

"Eu nunca pensei que queria ser MC. O que aconteceu é que quando eu fui nos shows do Racionais,

Thaíde e DJ Hum, e os grupos de Curitiba, BlackOut e Comunidade Racional, grupos dos anos 90 e 2000. Eu sabia que queria fazer algo com aquilo, aquele era o meio social que eu queria habitar", disse a rapper Karol de Souza que está nessa caminhada há 13 anos., "Eu nunca quis ser MC, mas com os anos, eu ouvia muito rap e falei, eu sei fazer isso", Karol completa.

CRIA
DE PERIFERIA

NOSSOS PRODUTOS ESTÃO COM DESCONTO



COMPRE PELO SITE: CRIADEPERIFERIA.COM.BR